



Questão Coimbrã

- ▶ Foi uma polêmica travada em 1865 entre os literatos portugueses.
- ▶ Também chamada de “**Questão do Bom Senso e Bom Gosto**”
- ▶ De um lado: o escritor romântico Antônio Feliciano de Castilho.
- ▶ De outro, o grupo de estudantes da Universidade de Coimbra: Antero de Quental, Teófilo Braga e Vieira de Castro.
- ▶ Foi o marco inicial do movimento realista em Portugal. Ela representou uma nova forma de fazer literatura, trazendo à tona aspectos de renovação literária aliado as ideias que surgiram na época em torno de questões científicas.

- 
- Castilho liderava um grupo de intelectuais que defendiam sobretudo o *status quo* literário. Tinham uma visão tradicional, academicista e formal.
 - O segundo grupo, formados pelos jovens estudantes de Coimbra, propunha denunciar a sociedade e mostrar a vida do homem de maneira mais realista. Por isso, se posicionaram contra a postura formal, conservadora e acadêmica da Escola Romântica.
 - Os estudantes alegavam a falsidade contida na literatura romântica e propunham uma transformação artística, cultural, política e econômica.
 - A Questão Coimbrã, começa, dessa forma, com uma ácida crítica de Castilho sobre os estudantes de Coimbra, os novos literatos.
 - A Questão Coimbrã, começa, dessa forma, com uma ácida crítica de Castilho sobre os estudantes de Coimbra, os novos literatos.
 - Incumbido de escrever o posfácio para o “*Poema da Mocidade*” do escritor romântico Pinheiro Chagas, Castilho defende os ideais românticos.
 - Castilho alegava que esses aspirantes literários destruía a beleza da literatura. Segundo ele, possuíam falta de bom senso e de bom gosto.
 - Ele fez os comentários após ler as obras publicadas naquele ano dos escritores Antero de Quental (*Odes Modernas*) e Teófilo Braga (*Tempestades Sonoras*).

- 
- Antero de Quental, em resposta a Castilho, escreve em 2 de novembro de 1865 uma das obras mais emblemáticas do Realismo Português intitulada "*Bom Senso e Bom Gosto*".

- 
- *Acabo de ler um escripto de v. ex.^a onde, a proposito de faltas de bom-senso e de bom-gosto, se falla com aspera censura da chamada eschola litteraria de Coimbra, e entre dois nomes illustres se cita o meu, quasi desconhecido e sobre tudo desambicioso.*
 - *Esta minha obscuridade faz com que a parte de censura que me cabe seja sobre maneira diminuta: em quanto que, por outro lado, a minha despreoccupação de fama litteraria, os meus habitos de espirito e o meu modo de vida, me tornam essa mesma pequena parte que me resta tão indifferente, que é como que se a nada a reduzissemos.*
 - *Estas circumstancias pareceriam sufficiente para me imporem um silencio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, todavia. Eu tenho para fallar dois fortes motivos. Um é a liberdade absoluta que a minha posição independentissima de homem sem pretensões litterarias me dá para julgar desassombradamente, com justiça, com frieza, com boa-fé.*
 - *Como não pretendo logar algum, mesmo infimo, na brilhante phalange das reputações contemporaneas, é por isso que, estando de fóra, posso como ninguém avaliar a figura, a destreza e o garbo ainda dos mais luzidos chefes do glorioso esquadrão. Posso também fallar livremente. E não é esta uma pequena superioridade neste tempo de conveniencias, de precauções, de reticencias—ou, digamos a cousa pelo seu nome, de hypocrisia e falsidade. Livre das vaidades, das ambições, das misérias d'uma posição, que não retendo, posso fallar nas miserias, nas ambições, nas vaidades d'esse mundo tão extranho para mim, atravessando por meio d'ellas e sahindo puro, limpo e innocente.”*

Poetas realistas portugueses

► Cesário Verde

- Obra poética pode ser dividida em três fases:
- Na primeira, entre os anos de 1875 e 1876, Cesário Verde é um poeta preocupado com o aspecto formal, mas nela cultiva estranhamente a ironia, o humor, uma certa tendência assemelhada a Baudelaire; antilírico, compõe quadros-retratos quase que impressionistas.
- Na segunda fase, entre os anos de 1877 e 1880, sua musa pessoal é a cidade de Lisboa; a marca mais legítima dessa época é a capacidade de ser o fotógrafo do cotidiano.
- A terceira fase é do ano de 1881 em diante. O poeta já se encontrava adoecido da tuberculose que o consumiria e por isso busca a calma do campo e parece repudiar as imagens de Lisboa por paisagens campestres.

► Flores Velhas

► Fui ontem visitar o jardinzinho agreste,
Aonde tanta vez a lua nos beijou,
E em tudo vi sorrir o amor que tu me deste,
Soberba como um sol, serena como um vôo.

Em tudo cintilava o límpido poema
Com ósculos rimado às luzes dos planetas:
A abelha inda zumbia em torno da alfazema;
E ondulava o matiz das leves borboletas.

Em tudo eu pude ver ainda a tua imagem,
A imagem que inspirava os castos madrigais;
E as vibrações, o rio, os astros, a paisagem,
Traziam-me à memória idílios imortais.

E nosso bom romance escrito num desterro,
Com beijos sem ruído em noites sem luar,
Fizeram-mo reler, mais tristes que um enterro,
Os goivos, a baunilha e as rosas-de-toucar.



ANTERO DE QUENTAL

- Apresenta três faces distintas:
- A das experiências juvenis, em que coexistem diversas tendências;
- A da poesia militante, empenhada em agir como “voz da revolução”;
- E a da poesia de tom metafísico, voltada para a expressão da angústia de quem busca um sentido para a existência.
- A oscilação entre uma poesia de combate, dedicada ao elogio da ação e da capacidade humana, e uma poesia intimista, direcionada para a análise de uma individualidade angustiada, parece ter sido constante na obra madura de Antero, abandonando a posição que costumava enxergar uma sequência cronológica de três fases.

Eça de Queiroz


- ▶ José Maria de Eça de Queiroz nasceu em 25 de novembro de 1845,
- ▶ Póvoa de Varzim.
- ▶ Filho de José Maria Teixeira de Queiroz, nascido no Rio de Janeiro em 1820 e delegado do procurador régio em Viana do Castelo, e de Carolina Augusta Pereira d'Eça, nascida em Monção em 1826. O casamento ocorreu posteriormente ao nascimento.
- ▶ O pai de Eça de Queiroz, magistrado, convivia regularmente com Camilo Castelo Branco, quando este vinha à Póvoa.


- ▶ Em 1866, Eça de Queiroz terminou a Licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra e passou a viver em Lisboa, exercendo a advocacia e o jornalismo.
- ▶ Em 1869 e 1870, Eça de Queiroz fez uma viagem de seis semanas ao Oriente (de 23 de outubro de 1869 a 3 de janeiro de 1870), em companhia de D. Luís de Castro, 5.º conde de Resende, irmão da sua futura mulher, D. Emília de Castro.
- ▶ Aproveitou as notas de viagem para alguns dos seus trabalhos, A relíquia publicado em 1887.
- ▶ Em 1871, foi um dos participantes das chamadas Conferências do Casino.
- ▶ Em 1870 ingressou na Administração pública sendo nomeado administrador de Leiria. Foi enquanto permaneceu nesta cidade, que Eça de Queiroz escreveu a sua primeira novela realista, O crime do Padre Amaro, publicada em 1875.
- ▶ 1873 – ingressou na carreira diplomática e foi nomeado cônsul de Portugal em Havana.


- 
- Aos 40 anos casou com Emília de Castro, com quem teve 4 filhos: Alberto, António, José Maria e Maria.
 - Morreu em 16 de Agosto de 1900 na sua casa perto de Paris. Teve funeral de Estado foi sepultado em Cemitério dos Prazeres de Lisboa, mas mais tarde foi trasladado para o cemitério de Santa Cruz do Douro em Baião.
- 

O PRIMO BASÍLIO

- ▶ Jorge e Luísa formam um jovem casal pertencente à burguesia de Lisboa. Convivem com um círculo de amizades formado, entre outros, pelo Conselheiro Acácio, homem apegado a convenções sociais; Dona Felicidade, que nutre uma ardente paixão por ele; e Sebastião, o melhor amigo de Jorge.
- ▶ Jorge parte para uma viagem de trabalho. Durante sua ausência, Luísa recebe a visita de um antigo namorado de juventude, seu primo Basílio, residente em Paris. Admirado com a beleza da moça, Basílio envolve Luísa em um jogo de sedução, que faz com que ela se imagine vivendo uma das aventuras amorosas de suas leituras românticas.


- 
- Eles se tornam amantes, passando a trocar bilhetes e cartas de amor. Luísa encontra estímulo na amiga Leopoldina, mulher casada, colecionadora de casos extraconjugais. Toda a movimentação da casa é observada pela governanta Juliana, sempre às voltas com planos de enriquecimento rápido.
 - Para escapar das desconfianças dos vizinhos, o casal de amantes passa a se encontrar em um quarto alugado nos subúrbios de Lisboa. Apesar da decrepitude decadente do lugar, chamam-no de Paraíso. Ali, vivem tórridas cenas de amor. Com o tempo, Luísa percebe um esfriamento na paixão de Basílio, que passa a lhe tratar com certo desprezo.


- 
- Juliana se apodera de algumas cartas trocadas entre os amantes e passa a chantagear a patroa. Luísa expõe um plano de fuga a Basílio, mas este se recusa a segui-lo e retorna a Paris.
 - Jorge chega da viagem e Luísa continua a sofrer o assédio de Juliana, que exige uma grande quantia em dinheiro para devolver-lhe as cartas. Para conter seus ímpetos, Luísa se vê obrigada a conceder à empregada uma série de privilégios: presenteia-lhe com seus vestidos, deixa seu quarto mais confortável e chega até mesmo a substituí-la em alguns serviços domésticos, sempre às escondidas do marido.

- 
- ▶ Jorge se apercebe do que acredita ser desprezo de Juliana pelo trabalho e resolve demiti-la. Juliana exige o dinheiro da chantagem e Luísa apela então para Sebastião. Ele escuta toda a história do adultério e fica horrorizado, mas resolve ajudar a amiga. Vai até a casa de Jorge em um momento em que Juliana está só e, com ameaças de prisão, obtém as cartas. Vendo escapar-lhe o sonho de enriquecimento, Juliana tem uma síncope e morre. Sebastião entrega as cartas a Luísa.
 - ▶ Luísa adoece. Jorge apanha, em meio à correspondência, uma carta de Basílio. Imaginando que a causa da doença da esposa seja algum problema familiar de cujo conhecimento ela o poupa, Jorge abre a carta. Nela, Basílio relembra os bons momentos passados no Paraíso. Quando a esposa melhora, Jorge lhe mostra a carta de Basílio. Luísa sofre um choque e, alguns dias depois, morre.

O CRIME DO PADRE AMARO

- A obra tem como espaço a cidade de Leiria, em Portugal. José Miguéis, o pároco da cidade faleceu. Com a chegada de um novo pároco, Amaro é recebido por uma das famílias da cidade.
- Na pensão da D. Joaneira, ele se envolve com a filha dela, a jovem beata de 24 anos: Amélia. O noivo de Amélia, João Eduardo, começa a sentir ciúmes, pois nos encontros que haviam na casa, a jovem e o Padre começavam a trocar olhares.
- Diante disso, João publica no jornal da cidade um comunicado intitulado “*Os modernos fariseus*”. Ele escreve sobre as pretensões do padre Amaro de Cônego Dias em relação a quebra do celibato.
- Por fim, o noivo enciumado dá-lhe um soco. Desempregado, João Eduardo decide ir para o Brasil.

- 
- Ao perceber a paixão que cada dia crescia mais, os amantes resolvem se encontrar às escondidas. Com medo das pessoas descobrirem a relação, Amaro muda de casa.
 - Com o envolvimento carnal deles, Amélia fica grávida do padre Amaro. Os amantes cogitam dizer que o filho esperado era do Noivo, Eduardo. Este, porém está no Brasil. Pedem ajuda a Dona Josefa, irmã do Cônego, que acompanha a jovem ao interior. A ideia central era fugir da sociedade enquanto esperava o bebê nascer.

- 
- Quando a criança nasce, Amaro entrega o filho a uma família que tinha a fama de matar os bebês, pois não eram bem cuidados. O bebê falece.
 - Triste e incapaz de ficar longe de seu filho, Amélia falece. Após o ocorrido, Amaro é transferido para outra paróquia, onde conhece outra beata.

PERSONAGENS DA OBRA

- **Amaro Vieira:** padre e protagonista da estória.
- **Amélia:** jovem amante de Amaro.
- **João Eduardo:** noivo de Amélia.
- **Dona Joaneira:** mãe de Amélia e amante de Cônego Dias.
- **Cônego Dias:** mestre do seminário e amante de Dona Joaneira.
- **Dona Josefa:** Irmã de Cônego Dias.
- **Dionísia:** criada do Padre Amaro.